

*Entrevista com Matrisa SA*

*Com quality media press para LA VANGUARDIA*

*Alberto Oliveira*

*Executive Director*

*Quality Media Press - Esta empresa é quase única na península ibérica. O que faz concretamente a Matrisa?*

R. - O nosso negócio não é único na península ibérica, mas é única em Portugal. Em Espanha a Espanha já tem uma tradição na indústria automóvel há vários anos enquanto que em Portugal é bastante recente. Só a partir da chegada da Auto Europa a Portugal é que começou a evoluir em termos de indústria automóvel. A Matrisa nasce na sequência dessa necessidade de matriceiros em Portugal. Existem varias empresas, uma das maiores empresas do ramo está sedeadada em Espanha. De Espanha nunca ninguém olhou para Portugal como um país com oportunidade de negócio e dai ter nascido a Matrisa em 2000.

*Q. - Qual o processo do seu nascimento? Foi um projecto pessoal?*

R. - Em termos de execução a ideia e a montagem foi um projecto pessoal. Tive muitos apoios morais, alguns apoios técnico/económicos, a maior parte dos apoios foi a minha auto motivação e de alguns amigos.

*Q. - Qual o balanço que faz da empresa depois de 6 anos de existência?*

R. - Neste momento penso que temos uma empresa com dimensão e tecnologia capaz de ombrear com as melhores empresas a nível internacional. Em 6 anos fomos capazes de ganhar uma dimensão e um know-how suficiente para podermos para começar a ser players no mercado internacional. Nesta industria normalmente é necessário algum tempo e também estar no sitio certo na hora certa. Hoje em dia a tendência da indústria automóvel é para os países de leste e os países asiáticos. Praticamente para o lado oposto das tendências não é uma obra fácil de executar.

*Q. - A nível de facturação como a divide pelos diversos mercados?*

R. - Na facturação directa temos cerca de 40% para Espanha, 55% para a Auto Europa. Nós actualmente trabalhamos para vários modelos de Volkswagen que estão a ser produzidos em Portugal. Temos também uma linha de exportação para o México que representa 5% da nossa facturação.

*Q. - A Matrisa é uma empresa ibérica?*

R. - Eu diria que é uma empresa europeia tentada a ser mundial. Neste momento com cerca de 55% para a Volkswagen e a maior parte dessa produção vai para a Europa, são ferramentas que estão a produzir na polónia, Espanha, república checa, portanto acabamos por indirectamente estarmos no mercado internacional.

*Q. - Tem tido algum tipo de dificuldade em entrar em Espanha?*

R. - É complicado entrar em Espanha não só pelo da espanhol como também pelo lado português. Por exemplo na Renault em Valodolim se arranjam fornecedores locais podem escolhe-los caso contrario é a Renault França que decide, acaba por nos criar alguma dificuldade em entrar na Renault. É aceitável só temos de arranjar estratégias para podermos entrar. Em Portugal arranjar apoios para a exportação, a própria banca não é muito sensível a esses pormenores. Eu tenho tido varias situações que para financiar as produções para Espanha, os bancos não tem acedido. O problema também passa pelo sistema de avaliação nacional. As formas como é estabelecido os rankings das empresas acabam por penalizar o acesso aos créditos. Por outro lado a não uniformização dos planos oficiais de contabilidade entre Portugal e Espanha faz com que não seja fácil avaliar por parte das entidades espanholas uma empresa portuguesa, como o contrario também é verdade.

*Q. - Qual o volume de facturação da empresa? Quantos empregados tem Matrisa?*

R. - Em termos de empregados contamos com 42 pessoas e temos mais um quadro de 23 engenheiros. Em termos de facturação nós temos tentado facturar somente o valor acrescentado, ou seja procuramos que sejam os nossos clientes que nos forneçam a matéria-prima. A nossa facturação tem rondado os 2 milhões e 500 mil nos últimos 3 anos. Este ano estamos com previsões para os 4 milhões de euros de valor acrescentado.

*Q. - As empresas portuguesas estão a ganhar competitividade?*

R. - Está a ganhar competitividade e a perder dimensão. Se analisarmos as produtividades dos equipamentos, alguns processos de fabrico temos que admitir que estamos a ganhar produtividade. Por outro lado a quantidade de empresas e pessoas que se envolvem cada vez é mais pequena. A partir do momento em que não exista uma dimensão crítica muitas vezes os grandes projectos não são fáceis de alocar na zona devido aos custos logísticos, de transporte. Nós sabemos que há muitas empresas que não estão preparadas para entrar na competição de aumentos de produtividade para nos mantermos na linha da frente em relação aos mercados asiáticos e dos países de leste.

*Q. - Quais os objectivos traçados para a empresa?*

R. - Subir na cadeia de valores, posicionar-nos o mais perto possível dos centros de desenvolvimento. O nosso objectivo é começarmos a desenvolver os engenheiros juniores em formação para termos capacidade em termos de engenharia para propor alterações e algum tipo de desenvolvimento para podermos dialogar com os centros de desenvolvimento, neste caso com a Volkswagen na Alemanha. A nossa ideia é tentar aumentar a nossa importância sobre a produção.

*Q. - Qual a percentagem de licenciados na empresa?*

R. - Na produção os quadros superiores têm uma média de 24% a 27% de licenciados. A média é bastante mais baixa nos 12% a 15%. Nós fizemos uma aposta de formar pessoas a nível superior para utilizarmos na produção.

*Q. - Acredita no sector industrial de Portugal?*

R. - A nível do país acredito que tenha importância, mas é proporcional à dimensão do país. Não podemos dizer que somos muito importantes quando o país tem 10 milhões de habitantes. Aquilo que quero acreditar vai depender muito da linha que este governo e os próximos adoptem que não podemos esquecer que agora há uma tendência para embarcar nas novas tecnologias, nas biotecnologias. É bom que não se esqueçam que alguém tem de produzir. O know-how para o desenvolvimento tecnológico vem da produção.

*Q. - O que significa o Plano Tecnológico? Faz sentido falar deste Plano?*

R. - Sentido faz, a forma como está a ser implementado é que podemos discuti-lo. Nós (Portugal) nas reformas que tem de efectuar tirar o máximo partido das tecnologias de informação seria a direcção correcta. Temos que entender que a escolaridade media do cidadão português é bastante baixa. Portanto temos que lutar com duas frentes, dar formação à maioria dos cidadãos para a utilização das tecnologias de informação, por outro lado a implementação dessas tecnologias. Não podemos esquecer que é um binómio complicado, a maior parte da população portuguesa trabalha para o estado. Estar a promover reformas no estado que vão promover desemprego é muito complicado. Quero acreditar que a direcção é através das novas tecnologias, mas temos que encontrar equilíbrios e compromissos que rentabilizem esta situação. Entre Portugal e Espanha há um princípio que marca a diferença que existe hoje em dia, a forma como foi feita a transição das ditaduras para as democracias. Este é o problema maior que marca a diferença entre os dois países. Enquanto que em Espanha foi feita de uma forma soft sem grandes revoluções em Portugal foi através de uma revolução. Esta revolução provocou e provoca ondas de choque que agora são mais pequenas há medida que nos afastamos do 25 de Abril (de 1974).

*Q. - Quais os objectivos para os próximos 6 anos?*

R. - Eu espero que dentro de 6 anos a empresa em termos bancários tenha outro posicionamento, ou seja espero atingir a maturidade no relacionamento com a banca, atendendo aos investimentos que estão a acontecer em Portugal especialmente na Auto Europa. Vai provavelmente encontrar uma empresa com uma componente tecnológica e de know-how muito mais avançada. O fundamental, penso eu, será a estabilização da empresa porque nos avançamos com investimentos muito fortes, nos últimos 5 anos investimos 16 milhões de euros na empresa.